

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Paulo Freire

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Bruno Oliveira Santos

A DANÇA BATE-BARRIGA EM HELVÉCIA NO SUL DA BAHIA:

Performances, histórias, resistências e formações

Bruno Oliveira Santos

A DANÇA BATE-BARRIGA NAS COMUNIDADES HELVÉCIA E RIO DO SUL:

Performances, histórias, resistências e formações

Texto Auxiliar, parte integrante do documentário que se constitui como Produto Didático elaborado para a obtenção do título de mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Antonio Nunes Neto.

AGRADECIMENTOS

À todas e a todos que de um jeito ou de muitos fizeram parte desse trabalho. Em especial às mulheres das comunidades de Helvécia e Rio do Sul, por me permitirem entrar em suas casas, dividir espaços em seus quintais e, principalmente, por compartilhar comigo as histórias e as memórias de seus antepassados e as suas próprias, entre um café e outro; entre um sorriso e outro, entre os choros... Alice Angelina Rita (Dona Alice); Anildo Faustino dos Santos (Seu Anildo); Antônia Francisca (Toninha); Benedito dos Santos Quintiliano (Longado); Faustina Zacarias Carvalho (Tina); Fidelina Florentino dos Santos; Gilsineth Joaquim Santos Silva (Netinha); Jane Santos Krull; José Santana; Juscelina Florentino dos Santos (Dona Cheia); Maria Aparecida dos Santos (Tidinha); Maria D'ajuda Tercília; Maria Dajuda dos Santos; Maria Piedade Conceição (Dadi); Regina Constantino Ricardo; Roseli Constantino Ricardo.

MUITO OBRIGADO!

RESUMO

Este trabalho de pesquisa compõe-se de um estudo científico da performance da dança bate-barriga e da sua força em traduzir experiências em atos educativos, historicamente. A performance da dança bate-barriga é a força motriz que agrega em si o repertório de ancestralidade colhido pelos antepassados da comunidade e cotidianamente preservada pelas gerações. O ato de bater uma barriga na outra é o símbolo que norteia toda a dança e o que renova o conteúdo para a permanência do diálogo entre o passado histórico e o presente que enfrenta as lutas diárias com vistas ao futuro. Rio do Sul é a comunidade rural no distrito de Helvécia – Nova Viçosa, que tem origem nos empreendimentos agrícolas da Colônia Leopoldina – 1808 (SANTOS, 2017) que utilizou-se da mão de obra de africanos e afro-brasileiros submetidos ao regime de escravidão para se sustentar como polo econômico, à época. Neste sentido, objetivamos compreender como os dançantes do bate-barriga se percebem leitores e sujeitos culturais em sua própria prática social; analisar a performance da dança bate-barriga como uma prática social de cultura afro-brasileira e, por isso, ato educativo; estudar a dança bate-barriga do Rio do Sul como uma prática de formação social-educativa que tem atravessado as experiências e comportamentos da comunidade. Buscamos responder a seguinte pergunta: Como a dança bate-barriga, uma prática performativa afro-brasileira da comunidade rural do Rio do Sul, tem contribuído para o fortalecimento das relações interpessoais dos moradores? O tipo de pesquisa utilizada nesse trabalho é a social com abordagem qualitativa em Minayo (2009). A âncora teórica é composta por Paulo Freire (1995), Brandão (1985), Schechner (2003) Fanon (2008) Geertz (1989) Santos (2007; 2017). Os resultados apontam que a dança bate-barriga é uma prática de cultura que está entrelaçada no contexto, nos comportamentos e que, por isso, reordena o cotidiano das relações sociais. Sua performance, o ato simbólico de bater uma barriga na outra, ratifica o caráter educativo da dança ao permanecer em efetivo diálogo entre as gerações.

Palavras-chave: Rio do Sul, Prática cultural, Dança bate-barriga, Performance.

ABSTRACT

This research work consists of a scientific study of belly dance performance and its strength in translating experiences into educational acts historically. A belly dance performance is a driving force that adds to it the repertoire of ancestry gathered by the community's ancestors and preserved daily by them. The act of hitting one belly on the other is the symbol of the northern region of all dance and renews the content for the continuation of the dialogue between historical past and the present that it faces as daily struggles with a view to the future. Rio do Sul is a rural community in the district of Helvécia - Nova Viçosa, which has its origins in the agricultural enterprises of Colonia Leopoldina - 1808 (SANTOS, 2017), which uses African and Afro-Brazilian labor with a slavery regime to sustain as an economic pole at the time. In this sense, we aim to understand how belly dancers perceive readers and cultural individuals in their own social practice; analyze a belly dance performance as a social practice of Afro-Brazilian culture and, therefore, an educational act; study belly dance in Rio do Sul, as an educational-social training practice that has gone through as experienced and used by the community. We seek to answer the following question: How to practice Afro-Brazilian dance, an Afro-Brazilian practice in the rural community of Rio do Sul, to contribute to the strengthening of interpersonal relationships among residents? The type of research used in this work is a qualitative social approach in Minayo (2009). The theoretical anchor is composed by Paulo Freire (1995), Brandão (1985), Schechner (2003), Fanon (2008), Geertz (1989), Santos (2007; 2017). The results pointed out for belly dancing is a cultural practice that is not intertwined in any context, in those that perform and, for this reason, reorganize the daily life of social relations. Its performance, the symbolic act of hitting one belly on the other, confirms the educational character of the dance and maintains an effective dialogue between the variations.

Keywords: Rio do Sul, Cultural practice, Belly dance, Performance.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PRIMEIROS PASSOS DE UMA TRAJETÓRIA CHEIA DE DESAFIOS.	10
3 REGISTROS DA COMUNIDADE DO RIO DO SUL: IMAGENS DA PERFORMANCE DA DANÇA BATE-BARRIGA.....	13
4 A ESCOLHA DO PRODUTO FINAL	17
4.1 O PRÉ-ROTEIRO	19
5 ABORDAGEM METODOLÓGICA	26
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
6 O DISTRITO DE HELVÉCIA NO EXTREMO SUL DA BAHIA: AVANÇOS E LIMITES NO PROCESSO DE RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE RIO DO SUL COMO COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS ...	30
7 CONSIDERAÇÕES.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Neste texto estão contidas as informações que descrevem o processo de construção do produto didático, o vídeo documentário. Uma caminhada de desafios e aprendizados que contribuíram para a minha formação enquanto docente e estudante do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações étnico-Raciais (PPGER), da Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB, Campus Paulo Freire.

Trata-se de um estudo sobre a performance da dança bate-barriga e da sua força em traduzir experiências em atos educativos, historicamente, vez que este ato performativo é um lastro de informações e significados das histórias locais capaz de estabelecer o elo que se entrelaça nas experiências. A dança bate-barriga é a força motriz que agrega em si o repertório de ancestralidade colhido pelos antepassados da comunidade e cotidianamente preservada pelas gerações que insistem em revitalizar os seus comportamentos.

O ato de bater uma barriga na outra é o símbolo que norteia toda a dança e o que renova o conteúdo para a permanência do diálogo entre o passado histórico e o presente que enfrenta as lutas diárias com vistas ao futuro utópico e necessário para consubstanciar a luta permanente, por um novo mundo e também por liberdades. Libertação dos corpos, das línguas e de costumes, estes, cravados como os princípios éticos que norteiam as lutas por igualdades, neste caso, pelos homens e mulheres negros e negras que, como afirmado por Frantz Fanon em sua obra *Pele negra, máscaras brancas* (2008), foram impedidos de *ser o outro* na sociedade complexa criada pela colonização.

Rio do Sul é uma comunidade rural no distrito de Helvécia em Nova Viçosa, cidade do Extremo Sul do deste estado, de cuja origem remonta o contexto dos empreendimentos agrícolas na antiga Colônia Leopoldina no século XIX (SANTOS, 2017) que utilizou-se da mão de obra de africanos e afro-brasileiros submetidos ao regime de escravidão para se sustentar como polo econômico, à época do Brasil Colonial.

O objetivo da pesquisa que motivou a realização do documentário foi compreender como os dançantes da dança bate-barriga nas comunidades rurais Helvécia e Rio do Sul se percebem como leitores e sujeitos culturais em sua própria prática social, além de analisar a performance da dança como uma prática social

de cultura afro-brasileira e, por isso, ato educativo. Estudamos a dança bate-barriga como uma prática cultural social-educativa que tem atravessado as experiências e comportamentos daquelas comunidades, ao tempo em que buscamos responder a seguinte pergunta: como a dança bate-barriga tem contribuído no fortalecimento das relações interpessoais dos moradores das comunidades Helvécia e Rio do Sul?

Utilizamos como aporte metodológico a pesquisa social com abordagem qualitativa tal como discutido por Maria Cecília Minayo (2009). Para a estruturação da abordagem aqui praticada dialogamos com as questões teórico-metodológicas elaboradas por Paulo Freire (1995), Carlos Rodrigues Brandão (1985), Frantz Fanon (2008), Clifford Geertz (1989) e Valdir Nunes dos Santos (2007; 2017). O entendimento a que chegamos é que a dança bate-barriga é uma prática cultural entrelaçada no contexto sócio-histórico dos dançantes, nos seus comportamentos cotidianos, nas suas atitudes e investidas como dançantes e foliões e, por isso, reordena o cotidiano das relações sociais por meio de atos performativos. Sua performance, o ato simbólico de bater uma barriga na outra, ratifica o caráter educativo da dança ao permanecer em efetivo diálogo entre as gerações.

Entendemos que a dança bate-barriga é uma prática de cultura que ainda detém fortes traços dos rituais produzidos nas senzalas por antigos trabalhadores em regime de escravidão desde o contexto da Colônia Leopoldina, que são hoje Helvécia e Rio do Sul, comunidades situadas no extremo Sul da Bahia. Sua performance, o ato de bater uma barriga na outra, é parte integrante, elemento da tradição da dança por traduzir as experiências simbólicas de seus fazedores e demais sujeitos da comunidade, este “(...) símbolo de agradecimento aos deuses - é produzido há mais de dois séculos no seio da dança (...)” (SANTOS, 2017, p. 64). O fato desta dança ainda ocorrer preservando sua performance intacta ao longo desse tempo, o que a caracteriza como o elemento de tradição, explicita o diálogo em constante permanência dos dançantes com os seus antepassados entre as gerações.

Essas comunidades foram reconhecidas e certificadas como remanescentes quilombolas em 2005 pela Fundação Cultural Palmares, o que significa que o processo histórico de preservação de suas práticas de culturas foi o motor para

justificar a necessidade do reconhecimento instituído pela fundação acima referida.

Este texto está dividido em três partes. Na primeira faço uma discussão do objeto de estudo e o seu entrelaçamento com os sujeitos, o contexto e os diversos comportamentos, históricos e sociais. Descrevo como se deu a escolha pelo vídeo documentário, produto didático, elaborado e apresentado para a obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia. Destaco a relevância para a educação étnico-racial e enfatizo o caráter simbólico e de tradição da performance em estudo.

Na segunda parte, apresento a metodologia utilizada para a coleta de dados e na terceira parte contém o processo de seleção e decupagem dos vídeos que compõem o documentário, as considerações acerca do avanço dos trabalhos.

Ressalto que em meio a tantas dificuldades enfrentadas para a consolidação deste trabalho – que entendo constituinte da caminhada – os aprendizados e as relações estabelecidas com todas as pessoas que fizeram e continuam fazendo parte dessa labuta, se constituem como tesouros para mim, pois, como descrito, por João Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece uma manhã”. Os momentos nos encontros e as contribuições de cada um e cada uma tonaram possível a realização deste trabalho, árduo e de muitos percalços, mas também de muitos avanços, aprendizados, conquistas e cuidados.

2 PRIMEIROS PASSOS DE UMA TRAJETÓRIA CHEIA DE DESAFIOS

Precisar o momento exato em que me percebi engajado nos estudos sobre as relações étnico-raciais, não saberia, dada às circunstâncias que envolvem os meus familiares. A minha condição étnica é, a meu ver, um misto de tantas etnias que às vezes pego-me pensando para além das três grandes matrizes “raciais”. No entanto, lembro-me com muita clareza, no curso superior, percebi que enviesaria por esse caminho, a partir dos estudos realizados nos componentes que relacionaram com a antropologia, as artes, as culturas, as relações humanas e suas interpretações, em que autores como Clifford Geertz, Stuart Hall e Florestan Fernandes deram o tom de suas abordagens. Mais tarde, com mais especificidade, tive contato com outros autores que também trataram das relações sociais, no entanto, com olhares direcionados à população negra e suas histórias.

No contexto da Educação Superior envolvi-me em estudos que trataram da dominação econômica e cultural do homem negro pelo homem branco europeu e as marcas dessa dominação que estão fincadas nas sociedades colonizadas ao redor do globo terrestre, em nosso caso, o Brasil. As ciências humanas e sociais responsáveis por pesquisar e problematizar as causas e as consequências provocadas por esse processo têm dado conta de responder algumas questões fundamentais no tocante ao modo como as sociedades colonizadas e seus sujeitos se organizam.

Compreendendo a complexidade apresentada anteriormente, o que nos sugere lembrar da abordagem de Frantz Fanon ao situá-la como uma consequência da escravidão que atingiu o escravizado e quem o escravizou, o primeiro por ter sido submetido a todo tipo de violência física e psicológica, o segundo, pela própria consciência que o persegue e assusta, fazendo-o crer que a qualquer momento poderá ser alvo de revanche, pois nos delírios de sua imaginação, resultante da colonização, como numa passagem das escritas de Fanon:

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (2008, p.106-7).

Este raciocínio faz-nos pensar na *diferença colonial*, conceito alcunhado por Walter Mignolo (2003) como categoria de análise para interpretar os sujeitos e os comportamentos que foram escravizados.

O sentimento de caminhar pela pesquisa social, sustentado na abordagem qualitativa, me tomou por inteiro ao ponto em que fui descobrindo que a compreensão da história de minha família e da família de muitos amigos, assim como a história da maioria do povo brasileiro, não seria possível sem a relação histórica com o processo de escravidão dos povos africanos e a colonização de seus territórios e do território brasileiro, o que provocou a interação entre diferentes etnias, resultante na diversidade que compõem a América e consequentemente, o Brasil. Ou seja, a compreensão que nos impõe para a análise e a interpretação

A partir de então, fui tomado pelo desejo de conhecer mais profundamente o universo de questões e demandas sobre as relações sociais relacionadas à população negra brasileira, o que me levou a embarcar numa grande aventura de leituras sobre o tema, ainda enquanto graduando do curso de pedagogia que iniciei no ano de 2012 na Universidade do Estado da Bahia – Campus X, em Teixeira de Freitas. Neste período conheci os estudos do professor Valdir Nunes dos Santos que havia realizado uma pesquisa de mestrado sobre a dança bate-barriga na comunidade de Helvécia e estava se afastando de suas atividades acadêmicas para a realização do doutorado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - FBAUL – Portugal, retornando para a pesquisa de campo, no Brasil, no ano de 2015.

Vislumbrando uma oportunidade para estabelecer contatos efetivos ofereci-me como monitor voluntário para o levantamento da pesquisa de doutorado, do referido professor, iniciando assim uma caminhada que resultou em aprendizados, descobertas e conquistas. Logo nos primeiros contatos, a vontade de pesquisar a dança bate-barriga foi se delineando como uma possibilidade temática. Em cada encontro, todas as vezes que ouvia os relatos sobre as práticas culturais ali produzidas e como os dançantes e foliões se organizavam em prol da realização das atividades que antecedia o fazer da dança, mais maravilhado

ficava. Essa experiência resultou na escrita de TCC sobre a dança bate-barriga com o qual obtive o título de pedagogo.

3 REGISTROS DA COMUNIDADE DO RIO DO SUL: imagens da performance da dança bate-barriga

Helvécia é uma comunidade de remanescente de quilombolas da região do Extremo Sul da Bahia que obteve o Auto-reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares em 2005 após um grupo de mulheres negras da comunidade, entrarem com o pedido, acarretando à época, uma série de conflitos entre os moradores – vizinhos, familiares e amigos, além dos coronéis das redondezas e as empresas de plantio de eucalipto que exploram as terras da região por mais de cinco décadas

A elaboração de um produto artístico, cultural que se pretenda didático é um dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais. Entre a escrita de uma dissertação, elaboração de cartilha, livro, entre outros, optei pela construção de um vídeo documentário por acreditar que este poderá alcançar um público maior de leitores da comunidade, município, região e, inclusive, público externo, uma vez que temos por objetivo neste trabalho contribuir para o registro da performance da dança, para a publicização, via Universidade Federal do Sul da Bahia, de uma das práticas de culturas produzida na comunidade do Rio do Sul, distrito de Helvécia. Assim como, servir como possibilidade de leitura e estudo no âmbito da educação.

Entendemos que as imagens em vídeos da comunidade e da dança bate-barriga darão conta de melhor mostrar o caráter educativo da performance cultural dessa dança, bem como registrar e documentar o contexto em que a dança e a performance são produzidas. Neste conjunto, as imagens do cotidiano dos moradores servirão de pistas para a interpretação da realidade por eles vivenciada. Desde as consequências da escravidão até as ações desordenadas dos empreendimentos econômicos, a exemplo da monocultura do eucalipto.

O projeto econômico da monocultura de eucaliptos incidiu diretamente sobre as transformações sofridas e nos modos que os moradores têm de se relacionarem com suas práticas culturais, com a terra e entre si mesmos, além de ter influenciado na migração de grande parte dos moradores para outras regiões do país, a partir de quando as empresas que “através de seus intermediários estimularam a venda das terras usando discurso enganador frente aos pequenos

proprietários, - que muitas vezes possuíam pouca formação escolar (...) ao idealizar uma vida na cidade” (KOOPMANS, 2005, p. 71-2). As investidas contra os moradores partiram principalmente das necessidades mais elementares, como saúde e educação, mas da “troca de pedaços grandes de terras por eletrodomésticos, como rádios e geladeiras”, como nos relatou a professora, participante desta pesquisa, Roseli Constantino Ricardo. Continuando, Koopmans apontou que os discursos mais utilizados pelos intermediários contratados para as negociações se baseavam na depreciação da vida no campo e da terra, que segundo diziam era “ruim, o trabalho é pesado e rende pouco e não dá futuro” (*idem*).

Em suma, pretendemos com o documentário, alcançar os espaços que dialogam sobre a educação das relações étnico-raciais, com o intuito de possibilitar o conhecimento da dança bate-barriga, da sua performance e sugerir-las como elementos ancestrais e por isso, conteúdo, para o ensino de história, de cultura e das artes afrobrasileiras, assegurado pela Lei 10.639/03 ainda em processo de apreensão e aplicação nas escolas nos diferentes territórios brasileiros. Assim o entendendo, poderá vir a ser um excelente instrumento de reflexão e prática para entender e combater a continuada desigualdade que as sociedades colonizadas estão submersas.

A comunidade do Rio do Sul, de posse desse registro artístico-cultural poderá se enxergar para além do real cotidiano, para além do calor da luta que os imprime a viver em alerta diariamente para garantir o alimento e o direito ao dia seguinte. Diante do elemento artístico colhido em suas próprias histórias, os dançantes, festeiros e demais moradores poderão encontrar, caso seja necessário, pontos que os fortaleçam para aprimorar os vínculos entre si, entre famílias e familiares e entre comunidades. Ainda será possível refletirem sobre os enfrentamentos dos tempos de dificuldades anunciados aos povos de comunidades negras. Principalmente aos que insistem em preservar suas práticas culturais advindas de suas histórias locais.

Em consonância com a educação e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) e da Lei 10639/03 que determinam que as escolas públicas e privadas devem contemplar em seus currículos a história e culturas dos povos africanos e afro-brasileiros, acreditamos que o documentário poderá cumprir com o papel socioeducativo objetivado na proposição deste trabalho de investigação científica. Ao mesmo tempo em que poderá ser utilizado como recurso

metodológico e temático em situações de ensino e aprendizagens nas aulas das instituições formais e não formais de educação, vez que a referida dança e sua performance, enquanto práticas de culturas, traduzem informações condensadas nos corpos das mulheres, que as liberam ao bater uma barriga na outra, momento ápice da dança. Reiterando, a performance, por ser absoluta e com sentido contido em si mesma, é agregadora de experiências e componentes educativos. Por isso, guardiã do elemento que dá a esta manifestação cultural o sentido de tradicional.

A construção desse material contou com algumas etapas, a saber: elaboração de agendas de encontros com os moradores das referidas comunidades, escrita de um roteiro estabelecendo o que deverá conter no vídeo, elaboração de questionários estruturados visando respostas sobre as trajetórias das vidas dos moradores, manifestações culturais e lidas diárias - desafios enfrentados pelos moradores para realizarem as tarefas do cotidiano e a própria dança bate-barriga antes e após a chegada das empresas de monocultura de eucalyptos.

As informações coletadas foram tratadas com o rigor ético-científico que esse tipo de pesquisa exige, e as interpretações dos dados se deram à luz de textos antropológicos de autores caros às ciências sociais, a exemplo de Clifford Geertz (*A interpretação das Culturas*, 1989). Nesta obra o autor nos ajuda a compreender os processos sofridos nas culturas dos povos, além de nos dar pistas de como proceder em campo de pesquisa, uma vez que, estando nele as relações construídas com o objeto investigado e com os sujeitos participantes da pesquisa podem se dar de maneira cujas informações coletadas não sejam espontâneas, o que dificultaria ainda mais as interpretações que, segundo Geertz, já são interpretações de interpretações.

Carlos Rodrigues Brandão – (*A educação como cultura*, 1985), obra na qual o conceito de cultura e educação ganham amplitude em seus significados, vez que é chamada a atenção para a necessidade de se estabelecer diálogos entre a cultura do povo e seus processos educativos, com possibilidade de melhor resultado na emancipação dos sujeitos e a valorização das diferentes manifestações culturais.

Paulo Freire (*A importância do ato de ler*, 1995), obra que nos ajuda a pensar a leitura num sentido mais significativo, ao propor que o sujeito que lê o faz a partir de uma interação entre a escrita e as suas experiências de mundo,

sem desvinculá-las. E, para além dessas obras citadas, teses e dissertações, que julguei importantes em suas contribuições para este trabalho, de pesquisadores que investigaram a história e as práticas culturais de Helvécia e Rio do Sul.

4 A ESCOLHA DO PRODUTO FINAL

A escolha do produto final, do estudo de pós-graduação, se deu de maneira processual, pois, ao passo em que eu ia mergulhando no universo das discussões e dos processos de educação para as relações étnico-raciais provocados pelos componentes ofertados do Mestrado e, observando o baixo índice de leitura de livros por parte de um grande número de brasileiros, de acordo com a pesquisa desenvolvida em março de 2016 pelo Instituto Pró-Livro, divulgada no Seminário de Lançamento da 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, provocou-me o interesse em produzir um documento, com registros da dança bate-barriga, que pudesse servir aos moradores de Rio do Sul como objeto de releituras que os possibilite a reflexão e o agir a partir de suas próprias práticas, em corroboração a Paulo Freire, ao afirmar que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo”. (FREIRE, 1996, p. 24).

Retratos da Leitura no Brasil refere-se a pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Pró-Livro, criado e mantido pelas entidades do livro – Abrelivros, CBL e SNEL, tendo iniciado as suas atividades em 2007, com objetivo principal o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro (IPL, 2015, p.5).

Nos encontros de orientação, as discussões e apontamentos feitos foram evidenciando a importância desse tipo de material e sua possível contribuição aos dançantes, foliões e demais moradores da comunidade na perspectiva de aprender criticamente acerca da função educativa que suas práticas têm, de maneira a possibilitar aprendizagens. Desse modo, o preconceito, o racismo e a discriminação instaurados nas relações sociais, seriam cotidianamente discutidos em diferentes grupos, fóruns, instituições.

Neste sentido, a sociedade em constante transformação exige-nos novas maneiras de relacionamento entre as pessoas, como novos métodos de abordagens que influenciam no processo de aprender e ensinar. Foi essa máxima que nos sugeriu o caminho para a construção de um trabalho que desde o início foi pensado para estar entre a diversidade, de público, existente nos diferentes grupos sociais do Sul da Bahia, no instante mesmo em que ouvimos as vozes dos moradores de Rio do Sul.

Na feitura deste trabalho, a ênfase em pontuar o protagonismo dos dançantes em suas próprias histórias foi um dos nortes pensados. Assim acreditamos em possibilitar também sobre os sujeitos, culturas e as histórias que foram negadas ao longo dos tempos.

O vídeo documentário poderá vir a ser uma ferramenta, de releitura, importante no auxílio da formação educativa. Para isso é preciso que entendamos que há funções a serem exploradas, o que nos coloca frente ao desafio de “compreender a tecnologia para além do artefato, recuperando sua dimensão humana e social” (CORREA, 2002, p. 44).

Ao propormos este trabalho intentamos construir um registro imagético, sonoro e corporal em que a voz e os corpos dos dançantes e foliões falassem por si, por meio da dança e de sua performance. Visualmente, um pouco da história através das imagens e sons compilados, através dos quais estarão dispostas as emoções, alegrias, tristezas, angústias, o símbolo como elemento de resistências que insiste em dialogar com resquícios de tradição.

Ao falar sobre a importância do vídeo na formação dos sujeitos, Moran aponta que ele nos toca nos seguintes aspectos:

Sensorial, visual, linguagem falada e linguagem escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinética, com a audiovisual, a intuição com a lógica (...) começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (1993, p. 2).

Todos esses pontos são caríssimos ao homem, pois são característicos de sua evolução, ao longo da história, no que respeita a cultura. São pontos que os conectam entre si e com o mundo que o cerca. Em outras palavras, são elementos culturais constitutivos das humanidades, sem as quais o homem, enquanto ser inconcluso, estaria ainda mais incompleto.

Estar conectado ao mundo através de suas redes relacionais possibilita ao homem compreender as diferentes realidades de seu contexto social e aprofundar-se em leituras muito mais densas e complexas, “leitura de mundo” sob a ótica de Paulo Freire (1981), com o nível de “verdadeiridade” muito mais

apurada, graças ao seu envolvimento com os elementos que lhes são orgânicos.

Elementos, estes, que se constituem como pistas para a escolha e construção de conteúdos a serem trabalhados em diferentes processos de educação. Porque, em sendo orgânicos, estão intimamente relacionados com a vida dos dançantes, foliões, moradores e educandos. Neste jogo interativo, experiências, sujeitos, conteúdos e diferentes processos educativos definem os caminhos trilhados pela comunidade do Rio do Sul para permanecer em diálogo efetivo com as experiências do passado, seus sujeitos históricos, na perspectiva de um futuro cotidianamente construído.

Por tratarem de questões que contemplam intimidades pessoais da comunidade - culturas, linguagens, trabalhos e disposições artísticas - o material em vídeo talvez explique um pouco sobre a urgente necessidade de se compreender educação na amplitude dos processos educativos, que segundo Brandão “(...) acontece, em casa, na rua, na igreja ou na escola (2007, p. 7), e também nas praças, nas esquinas, nos quintais, considerando as experiências que vivenciamos no distrito de Helvécia.

A construção do produto, que se pretende didático, se deu por etapas. Após esse processo, busquei centralizar esforços na parte mais prática para a construção do produto final, o que me levou a fazer um curso de roteiro *on line*, me permitindo compreender mais e melhor sobre a importância do documentário, além das diferenças estruturais que especificam o tipo de película e seu interesse informativo-didático.

4.1 O PRÉ-ROTEIRO

Para a elaboração do pré-roteiro do documentário, eu recorri à internet para saber mais sobre o processo de escrita e sua finalidade, encontrando no Youtube um curso introdutório, no canal “Kiko Machado”, do prof. Dr. Francisco Machado Filho. O curso completo conta com 9 vídeos que somam 153 minutos (2h33min), e se encontram na *playlist* intitulada Curso de Roteiro Grátis – Documentário.

No decorrer do curso, iniciado em novembro de 2018, pude compreender a finalidade dos diferentes gêneros de documentário, identificando o tipo reflexivo, que segundo Nichols (2005) “utiliza o documentário como um meio para que o espectador possa refletir sobre o fato que está documentado”, como o que melhor dialoga com a justificativa da realização deste trabalho: de que o produto possa provocar interesse nos dançantes e demais moradores de comunidades quilombolas, em especial a do Rio do Sul, à leitura e, que esta contribua para a continuidade da formação socioeducativa historicamente instituída pelas práticas de culturas produzidas.

No intuito de aprimorar o conhecimento sobre o fazer exigido pelo gênero textual - um documentário - realizei o curso durante 20 dias com carga horária de 40 horas. Após o estudo demos início a elaboração do pré-roteiro que no decorrer do processo foi sendo ajustado conforme íamos percebendo a necessidade de alterações até a definição do roteiro final.

No processo de elaboração do roteiro e do documento, como um todo, percebemos a necessidade de termos em mãos alguns dados que julgamos imprescindíveis para a composição dos trabalhos. Tanto para o documento, como para o texto que dá suporte teórico/científico ao documentário. A saber: informações sobre o campo de pesquisa; elementos pertinentes da história do local; as histórias dos dançantes e foliões que compuseram as cenas no vídeo e seus envolvimento com a dança bate-barriga.

Realizamos pesquisa do *Estado da Arte*, consultas a órgãos específicos, quando foi o caso, como prefeitura local, IBGE e outras instituições que entendemos por necessárias.

Como o protagonismo na dança pertence às mulheres, cuja responsabilidade histórica do diálogo permanente com os antepassados entre as gerações está enlaçada à performance do bate-barriga, entendemos ser necessário apresentar uma nota biográfica de suas fazentes. São elas:

Faustina Zacarias Carvalho

Data de nascimento: 10/10/1953

Local: Helvécia

Filiação: Henrique Zacarias – Carmelina Cristina

Estado civil: Viúva

Filhos: 0

Profissão: Ajudante de serviços gerais;

**Fidelina Florentina dos Santos**

Data de nascimento: 30/08/1943

Local: Rio do Sul

Filiação: João Benedito dos Santos – Maria Florentina Henriqueta

Estado civil: Viúva

Filhos: 16 (8 vivos)

Profissão: Lavradora;



Gilsineth Joaquim Santos Silva

Data de nascimento: 17/05/1973

Local: Rio do Sul

Filiação: Manoel Firmo dos Santos - Maria

Estado civil: Casada

Filhos: 2

Profissão: Professora;

**Jane Santos Krull**

Data de nascimento: 07/02/1976

Local: Helvécia

Filiação: Amâncio dos Santos - Maria Antônia dos Santos

Estado civil: Casada

Filhos: 2

Profissão: Professora;



Juscelina Florentina dos Santos

Data de nascimento: 18/09/1952

Local: Rio do Sul

Filiação: João Benedito dos Santos – Maria Florentina Henriqueta

Estado civil: Viúva

Filhos: 3 (2 vivos)

Profissão: Lavradora;

**Maria Aparecida dos Santos**

Data de nascimento: 13/03/1963

Local: Helvécia

Filiação: Amâncio dos Santos

Maria Antônia dos Santos

Estado civil: Casada

Filhos: 1

Profissão: professora;



Maria Dajuda dos Santos

Data de nascimento: 16/08/1939

Local: Rio do Sul

Filiação: João Benedito dos Santos – Maria Florentina Henriqueta

Estado civil: Viúva - Adoreno Quintiliano

Filhos: 7 (6 vivos)

Profissão: Lavradora;

**Regina Constantino Ricardo**

Data de nascimento: 25/01/1977

Local: Helvécia

Filiação: Ignácio Conceição Ricardo – Margulene Henriqueta
Constantino

Estado civil: Solteira

Filhos: 2

Profissão: Professora;



Roseli Constantino Ricardo

Data de nascimento: 04/02/1978

Local: Helvécia

Filiação: Ignácio Conceição Ricardo – Margulene Henriqueta Constantino

Estado civil: Casada – Benedito dos Santos

Filhos: 2

Profissão: Professora.



5 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem metodológica nesta pesquisa nos proporcionou um maior entendimento sobre a realidade, os sujeitos, documentos e do objeto que investigamos. Neste caso, por se tratar de um objeto originado em uma realidade social requereu maiores cuidados para que entendêssemos de maneira mais clara os sentimentos, as crenças e os significados inerentes aos comportamentos dos dançantes, dos foliões e dos demais envolvidos no processo de pesquisa. Com essa compreensão chegamos em Rio do Sul e estudamos a dança bate-barriga e sua performance como experiências de leituras produzidas nas relações entre os sujeitos que compõem essas comunidades, tomando-as como agentes formadores (MINAYO E GOLDENBERG 2009; 2004).

A decisão de trabalhar com as orientações metodológicas destas autoras exigiu-nos cuidado e critérios particulares específicos, uma vez que a gama, de estudiosos acerca das metodologias de pesquisas sociais, é abundante. Porém, esses estudos apontaram para uma questão que entendemos como sendo fundamental para a construção de significados como premissas à explicação do homem e suas relações – “como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2009, p. 21-2).

Em suma, ambas, ao explicitarem as principais características de um trabalho científico nas abordagens quantitativas e qualitativas contribuíram para que enxergássemos com mais clareza os objetivos propostos, o que possibilitou-nos definir melhor as estratégias e a construir diferentes passos que foram seguidos.

A abordagem quantitativa, pelo que se pode compreender, não daria conta de responder às questões a que propomos, por esta se preocupar com uma mensuração numérica dos dados, não conseguindo o aprofundamento epistemológico dos relatos dos participantes e aos seus comportamentos, a condição ampla, inter e múltipla de análises que as suas experiências exigiram; sentimentos advindos das vivências dos indivíduos no particular e também no coletivo em suas relações na e com a comunidade.

Assim, a abordagem qualitativa foi a que melhor atendeu aos interesses e ao objeto de estudo, pois esta ao trabalhar com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21), todas essas informações, em certa medida, foram encontradas em meio aos comportamentos vivenciados nas relações entre os informantes no campo de pesquisa. O que nos colocou, enquanto pesquisador, em posição de coletar e interpretar os dados, considerando que estes são “nossas próprias construções das construções de outras pessoas” (GEERTZ, 1989, p. 7), o que nos alertou para o cuidado com os dados coletados e nos assegurou de que seria possível diminuir o risco de erros e equívocos.

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para os procedimentos metodológicos utilizamos da estratégia do grupo focal em Bernadete Gatti, pelo fato deste proporcionar ao trabalho de pesquisa maiores condições para a coleta de dados no que se refere à compreensão da realidade por várias perspectivas dos informantes. Além de ter propiciado aos informantes maior condição na participação, desenvoltura e elaboração das respostas. Segundo a autora, este método “permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto da interação criada, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar” (GATTI, 2005, p. 9).

A utilização dos grupos focais deu um tom de maior proximidade entre mim e os participantes, cujos diferentes momentos e sentimentos se alteraram e amarinaram à medida em que as falas auxiliadas pelas memórias individuais e coletivas dos presentes. Ao lembrar sobre o passado mais distante, por exemplo, as experiências de seus antepassados, as memórias de infância, os relatos pareciam transitar de maneira latente entre as diferentes idades dos sujeitos da pesquisa, o que possibilitou a construção de um ambiente em que a memória coletiva fora exercitada. E um rico diálogo entre lembranças do passado proferidas com algumas lacunas, imediatamente preenchida por outros pedaços de lembranças dando o tom que os sujeitos, na condição de informantes da pesquisa, concebem a dança bate-barriga, a sua performance, o contexto em que

estão inseridos sem se afastarem de suas histórias locais. Lembrando Halbwachs “se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente” (2006, p. 29).

Compartilhadas entre as gerações, e trazidas aos encontros com um tom que poderia ser facilmente confundida com o presente vivenciado pela geração atual, o conjunto de informações construído remeteu-nos à dança bate-barriga quando esta ainda atuava como ritual de agradecimento e de fertilidade. Em meio a essa construção de memórias os tempos, as culturas e os comportamentos se fundem para dar lugar a travessia temporal, histórica e cultural como veículos das experiências. A repetição, com algumas rupturas, mas também com permanências, das histórias correntes nas comunidades, à exemplo da violência policial à qual são submetidos alguns moradores que se ponha a realizar atividades comuns entre eles, no cotidiano, como apanhar lenha – pedaços de galhos das árvores ou eucaliptos que circulam, encobrem e “vigiam” os moradores, como dito em alguns relatos.

Como instrumentos de armazenagem das falas, dos movimentos dos corpos e das imagens dos rostos e paisagens organizadas e compiladas que compõem a película do documentário, intitulado *A dança bate-barriga em Helvécia no Sul da Bahia: performances, histórias e resistências em processo de formação social*, utilizamos alguns aparelhos tecnológicos, a saber, câmera filmadora, refletores, para melhorar a iluminação de alguns ambientes menos providos de luz. E ainda, celulares, para o registro de imagens e vídeos de curta duração, que foram usados entre as cenas para costurá-las de forma a dar um tom mais visualmente informativo ao contexto das falas. A fim de torná-los mais fácil para manipulação em determinados espaços, que exigiram um pouco mais de descrição. Utilizamos microfones do tipo lapela, para que houvesse melhor qualidade na captação dos áudios, além de cadernos, lápis e canetas para as anotações de ordem prática, como endereços, nomes, entre outras informações.

Elaboramos um roteiro de pesquisa para nos orientar ao longo do processo, construímos questionários com perguntas estruturadas e semiestruturadas para a condução das entrevistas, e, entrevista em profundidade. Esta se deu a partir da seleção das participantes com maior envolvimento com a dança. Processo

natural que pode ocorrer em determinada etapa da pesquisa, na qual segundo Goldenberg,

A quantidade é, então, substituída pela intensidade, pela imersão profunda através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. O pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos (2004, p. 50).

Não trabalhamos com questionários fechados, pois o tipo de pesquisa e abordagem metodológica exigiram-nos flexibilidade para o roteiro de atividades, o que exigiu de nós leituras de documentos históricos e textos acadêmicos escritos sobre a comunidade, como monografias, dissertações e teses, às quais nos ajudaram a conhecer um pouco mais sobre a história, as práticas culturais, as relações entre os moradores e seus enfrentamentos das situações vividas entre as gerações.

Vale ressaltar que essa parte dos trabalhos, com viés de coleta das informações, selecionadas para a composição do vídeo documentário, ocorreu após um período de seis meses de idas à comunidade do Rio do Sul e, como alguns dançantes residem em Helvécia realizamos alguns encontros na referida comunidade.

As agendas das atividades foram construídas respeitando a particularidade de tempo de cada pessoa que participou do documento em vídeo, seus posicionamentos e falas, suas crenças e comprometimentos religiosos compõem as amarras que cada uma e cada um tem com os afazeres e o pensar na comunidade. O envolvimento com os demais moradores e os eventos sociais que ocorrem nas referidas comunidades foram atividades nas quais pude participar.

6 O DISTRITO DE HELVÉCIA NO EXTREMO SUL DA BAHIA: AVANÇOS E LIMITES NO PROCESSO DE RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE RIO DO SUL COMO COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS

As culturas simbólicas produzidas nas comunidades remanescentes do Distrito de Helvécia historicamente enfrentam consequências das proibições impetradas pelo regime de escravidão, tais como: o direito à sexualidade, ao casamento, à natalidade, ao trabalho livre e remunerado. Do mesmo modo, o avanço da monocultura do café nas primeiras décadas do aglomerado, em função do projeto político econômico, Colônia Leopoldina (SANTOS, 2017); da extração desordenada de madeiras de lei; a abertura da estrada federal BR 101 e a intensa exploração da terra pelo agronegócio que culminou no plantio de monocultura do eucalipto desde a década de 1970.

A relação entre as práticas de culturas realizadas no distrito de Helvécia, as lembranças e memórias construídas no contexto das comunidades, os comportamentos de foliões e moradores e as ações políticas e econômicas implementadas historicamente, constituem o diálogo que os foliões e moradores mantêm para o processo de realização de suas performances culturais.

Nos dias atuais, com o avanço da monocultura do eucalipto tem-se percebido um desconforto, de foliões, festeiros e comunidade, em consonância com o “esmaecimento” das *práticas culturais, em diálogo com o repertório de ancestralidade*, produzidas em Helvécia - comunidade do Rio do Sul.

As ações que decorrem deste avanço, contribuem para o aumento da violência na relação entre os moradores (SANTOS, 2017). Dessa forma, as práticas cotidianas, as mais simples, como apanhar lenha para cozinhar, caçar e pescar tornaram-se um desafio no qual a humilhação física e psicológica exercida pelas empresas levou um grupo de mulheres a construir um projeto para pedir o reconhecimento do distrito de Helvécia como comunidades remanescentes de quilombolas, como evidencia neste relato:

(...) um outro fator também, assim, que levou a gente a pedir esse reconhecimento foi quando chegou a CAEMA (Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão), na nossa região, porque a CAEMA, ela veio para proteger a monocultura de eucalipto; veio pra proteger o eucalipto. Na nossa comunidade as pessoas têm a cultura de caçar, de pescar, de pegar lenha

pra cozinhar no fogão à lenha, né? E, quando logo a CAEMA chegou, ela inibiu que as pessoas praticassem isso, inibiu essa prática. Chegou até a casos gritantes de espancamento de pessoas que estavam executando essas atividades (...) (Maria Aparecida, 27 de abril de 2019).

Essas atitudes leva-nos a pensar que, apesar de a escravidão ter sido, no papel, abolida em 1888, para além dos resquícios, suas marcas e consequências são facilmente observadas hoje em dia, por mais que muitos insistam em negar este fato, inclusive que ela tenha existido no Brasil, os casos de insultos, discriminação e agressões físicas são notícias recorrentes nos diversos meios de informações, delatados principalmente nas mídias sociais graças ao avanço da tecnologia e da internet cada vez mais acessíveis à população como um todo, ao contrário do que ocorreu nessas comunidades em tempos de outrora.

Neste sentido, o fortalecimento das relações interpessoais dos povos negros com vistas a enfrentar os dias de dificuldades que se mostram cada vez mais próximos de uma barbárie executada aos olhos da população, continua sendo a ordem do dia com a urgência que a defesa da vida, de culturas e de histórias exigem. Em outras palavras, traduzir e compreender o conceito de Negritude, apontado por Aimé Césaire pode ampliar as condições de lutas que possibilitam a revitalização de comportamentos, de performances e de rituais. Recordando a Revolução Haitiana este autor nos sugere a pensar:

A negritude situa-se no terreno de um movimento de ideias e práticas que, assumindo a noção de raça, para desmitificá-la, visa derrotar o racismo. A Negritude é a exigência ontológica do Ser Humano que fora transformado em “negro-animal”, “negro-vegetal”, “negro-coisa”, “negro-sujeira”, “negro-fealdade”, “negro-sem-história” e, naturalmente, “negro-sem-porvir”. (CÉSAIRE, 2010, p. 19).

Diante dessa sugestão, assumir-se negro é um ato de coragem e resistência que exige uma consciência histórica sobre os processos de inferiorização de toda uma população, cujo esteio recai sobre, e principalmente, a cor da pele. Ser negro no Brasil sem dúvida alguma é viver o cotidiano de incertezas e de lutas permanentes para garantir o amanhecer do dia seguinte, um porvir.

Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambiguidade marca a convivência cotidiana, influi sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente repetido é, também, utilizado por governos, partidos e instituições. Tais refrões cansativos tornam-se irritantes, sobretudo para os que nele se encontram como parte ativa, não apenas como testemunha. Há, sempre, o risco de cair na armadilha da emoção desbragada e não tratar do assunto de maneira adequada e sistêmica (SANTOS, 2000, p. 2).

Vale a interpretação de que ser negro nunca fora, efetivamente, um problema para o branco, nem para o próprio homem negro. O problema sobre essa questão aparece no momento exato em que o primeiro passa a exigir os mesmos espaços e direitos que tem o segundo, ou simplesmente quando não aceita curvar-se à sua inferiorização imposta ao longo dos mais de trezentos anos de escravidão, afinal “enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro” (FANON, 2008, p. 103). Ocorre, porém, que a invisibilidade do homem negro e da mulher negra consolidada a partir da *diferença colonial* apontada por Walter Mignolo (2003) foi desde o Século XVI, uma situação autorizada e aceita pela estrutura de estado, de sociedade, das instituições e da igreja enquanto espaço de aglomeração de famílias para o “exercício da fé”. Neste trabalho científico esta categoria, diferença colonial, será, doravante, tomada como um projeto que determinou e continua a determinar privilégios aos brancos nas sociedades colonizadas.

Tirados de suas terras, familiares impedidos de praticarem suas culturas, os povos da diáspora africana foram submetidos a intensos sofrimentos que os colocaram em uma complexidade temporal sem precedentes, Franz Fanon diz que a escravidão colocou não só o negro, mas também quem o escravizou neste contexto de complexidade (2008).

Mesmo assim, as várias tentativas de embrutecer e desumanizar os povos negros, não produziram o resultado esperado: negras e negros trabalhadores estéreis e aculturados. Ao contrário, mesmo sendo impedidos em função das chaves que os trancafiavam para o trabalho forçado, os negros, na luta para recompor as suas vidas resistiram por meio das culturas estilhaçadas no chão e nas memórias para reinventar suas práticas culturais, suas performances.

Imprimir os seus sentimentos através da música, da dança e da brincadeira, a exemplo da dança bate-barriga do Rio do Sul, cuja performance, o ato de bater uma barriga na outra, ápice dessa prática cultural, abriga os significados históricos dos comportamentos estratégicos de resistência das gerações. Sobre performance, Schechner diz que elas “são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensinar” (2003, p. 27).

Tomando este último verbo “ensinar” como ação, a dança bate-barriga, enquanto prática ancestral, neste trabalho de pesquisa, foi analisada a sua força motora, ato cultural e, por isso, agente de formação política e social entre os moradores da comunidade. Ela é parte da história e vem sendo realizada entre e pelas gerações como prática que pode tanto ocorrer num simples encontro nos quintais das casas, sem aviso prévio, como também em festividades agendada para datas comemorativas. Neste período, as atividades para a realização da festa, data esperada por todos na comunidade, exige empenho e dedicação de um grupo de membros – os associados - responsáveis pela sua organização e realização. Esses membros têm diferentes funções, como explicou Dona Maria:

Meu pai já tinha os sócios que fazia a festa com ele, que ajudava ele: dava dinheiro, comprava porco, ele criava os capado, aí no dia da festa todo mundo ia ajudar a fazer a festa, no presépio de Natal, o bate-barriga era pro Natal, mês de dezembro. Então rezava o ofício seis hora, rezava outro ofício meia noite e outro ofício na ôta seis hora, e esse presépio todo mundo ia ajudar. Fincava madeira, ôto cavava buraco, fincava os esteio, ôto cortava as paia [...] (Maria Dajuda dos Santos, 27 de abril de 2019)

As atividades vão desde a criação e engorda dos animais, como porcos e galinhas para alimentar o público presente, até o cuidado com o local da realização da festa, que ocorria todo ano numa casa diferente, esta alternância dos cenários em que acontecia a dança bate-barriga atribui a ela características de uma atividade itinerante, adjetivo que se alonga e se completa nos tempos e espaços das histórias dos moradores, entre as gerações, costuradas pelo ato de bater uma barriga na outra – a performance - símbolo que agrega as experiências.

Os relatos ouvidos chamou a nossa atenção por diversos motivos, entre

eles, a organização social dos moradores, que apesar vivenciarem uma narrativa do passado permeada pela violência instituída pela escravidão, mesmo assim, diante de negativas e esquecimentos resistiram e se reinventaram por meio das culturas, mesmo que estilhaçadas.

Diante dessas questões, as práticas de culturas produzidas na comunidade do Rio do Sul resultam do diálogo efetivo entre o passado histórico em que a Colônia Leopoldina protagonizou a narrativa da escravidão, Helvécia, comunidade e distrito que sediaram as fazendas que serviram de cenários, nos quais ocorreram as ações de escravidão-violência e o presente, contexto das comunidades de Helvécia e Rio do Sul, dominado pelos setores econômicos e de poder hegemônico regional.

A realidade neste contexto é a de que os povos negros ainda vivenciam o processo de exclusão social construído desde o século da fundação da Colônia Leopoldina e por consequência do início do trabalho em regime de escravidão no ano de 1821.

Para Walter Mignolo (2003, p. 35), o processo da colonização foi uma “batalha sangrenta” e desencadeou a escravidão dos povos africanos, sem a qual, a colonização não teria tido condições de estruturar o processo de dominação histórica, econômica e cultural das sociedades colonizadas.

A colonização dividiu e subjugou os povos, inferiorizando-os, ao passo que estabelecia a superioridade de outros, a partir do que se entendia por civilização, que teve como critério de avaliação o “domínio da escrita alfabética”, (século 16), que mais tarde, (século 18 e 19) passou a ser a própria história. Segundo Walter Mignolo, “os povos ‘sem história’ situavam-se em um tempo ‘anterior’ ao ‘presente’”. Os povos ‘com história’ sabiam escrever a dos povos que não a tinham (2003, p. 23). Frente a esta situação, e ao propósito que temos com este trabalho de pesquisa, conhecer as histórias de Rio do Sul nos ajuda a quebrar o ciclo contínuo de esquecimento dos povos negros africanos e afro-brasileiras, o que poderá contribuir para que nos conscientizemos sobre a importância desses povos na construção da história e das sociedades ocidentais, o que compreendemos depender de um projeto de educação que vise nos aproximar de nossa realidade de forma crítica, exercitando a “*práxis – ação-reflexão*”, “unidade dialética que constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” , construindo

neles a consciência (FREIRE, 1979, p.15).

Por se tratar de uma comunidade reconhecida como remanescente quilombola, desde 2005 pela Fundação Cultural Palmares, ocupada majoritariamente por homens e mulheres negros, Helvécia carrega em sua história uma trajetória de muitas lutas, sofrimentos e superações, provocados por um passado de violência imposta às gerações submetidas ao regime de escravidão nos trabalhos forçados nas lavouras de café outrora ali cultivada. Esse passado histórico da comunidade tem consequências atuais que recaem sobre a população que enfrenta situações conflitantes, que se agravam a depender do posicionamento dos grupos organizados dos moradores, a exemplo da associação Quilombola de Helvécia – AQH, frente às demandas político-sociais, à exemplo de quando um grupo de mulheres construíram um documento e deram entrada ao pedido de reconhecimento de Helvécia como comunidade remanescente de quilombola, no ano de 2005.

As falas obtidas nos encontros estiveram repletas de sentimentos, que vão desde a revolta, como exposta por Jane Krull, ao relatar as dificuldades vivenciadas pelo grupo de mulheres responsáveis pelo pedido de reconhecimento, provocado pelas ações de pessoas próximas a elas, em alguns casos até familiares, que foram enganados por agentes contratados pelas empresas e coronéis donos de terras nas proximidades, para disseminar a mentira, ao afirmar aos moradores que o referido reconhecimento provocaria um retrocesso nas comunidades, ao ponto da escravidão retornar.

Tais discórdias provocadas por mentiras e dissimulações fez com que muitos moradores ficassem com medo remetendo-os ao sofrimento causado pela escravização de seus antepassados.

Conforme as histórias pelos moradores, esses desentendimentos levaram à criação de um abaixo assinado por um grupo de moradores que impedisse o reconhecimento junto aos órgãos públicos competentes. Até mesmo os familiares mais próximos passaram a questionar a atitude dessas mulheres, como no caso de Maria Aparecida, a Tíndinha, cuja mãe, de tanto ouvir que “as mulheres responsáveis pelo projeto escrito do pedido da certidão de reconhecimento eram pessoas más, pessoas ruins, que estariam prejudicando o seu próprio povo”,

pois em sendo as comunidades de Helvécia e Rio do Sul reconhecidas com remanescentes de quilombolas, as pessoas perderiam suas casas e os pequenos pedaços de terra, de onde provinha parte considerável ou todo o sustento da família, saiu de casa para perguntar a um professor que ministrava um curso de formação de professores na escola da comunidade – Escola Municipal João Martins Peixoto, “se realmente o que a filha dela estava fazendo era ruim para a comunidade”. No momento desse relato, a emoção tomou conta de Tidinha, que chorou. Choro que sensibilizou a todos que estávamos presentes.

Como característica dos grupos focais, há a possibilidade de percebermos informantes com maior gama de informações pertinentes à nossa pesquisa. A esses, como identificamos, realizamos entrevistas em profundidade, nas quais utilizamos dos recursos tecnológicos para gravações de áudios e vídeos, além de fazer anotações que nos serviram para as análises dos dados

Os encontros com os moradores nos proporcionaram também momentos de alegria e descontração, como o de Juscelina Florentina dos Santos, que ao interromper sua sobrinha, que estava torrando farinha na cozinha de fogo, possibilitou-nos boas risadas, assim como acontecia nas rodas da dança bate-barriga, que tem a alegria como um de seus muitos significados, como apontaram dançantes e foliões.

A dança bate-barriga é, possivelmente, a prática cultural que mais tem proporcionado visibilidade à Helvécia, pois como afirmou Gilsineth: “mesmo diante de tantos sons, de tantos gestos, de tantos gritos essa prática centenária ainda continua viva, ela continua presente. Ainda temos os dançadores, nós temos a performance do bate-barriga que é um convite”. (Gilsineth, 27 de abril de 2019).

O bate-bate-barriga sofreu modificações ao longo do tempo, de modo que sua realização encontra dificuldades para acontecer. No entanto, ela, quando ocorre, mantém a sua performance original, sendo esta, como afirmamos, o seu elemento educador, e por mais que a sua prática não ocorra na mesma constância que antes, ela continua presente nos corpos, mas mentes, e nos diálogos entre os moradores, que se animaram em performar e cantar as toadas que fazem parte do universo músico-literário da dança, que sonoridades cadenciadas construídas com elementos do cotidiano simples das relações entre

os moradores, como no exemplo a seguir, cantado e performando pelas irmãs Dona Juscelina Florentina – “Cheia”, Dona Maria e Dona Fidelina:

♪ *Você com uma lenha só*
cozinha a gente vinha vê
como faz pirão puro sem farin...nhê... ♪

Dona Cheia, não satisfeita em apenas cantar e dançar, imita os tambores ao executar com a voz os sons produzidos por eles: “aí o tambô pequeno faz: paracutaco-taco-taco, o grande, Bró! Paracutaco-taco-taco Bró!. Aí a gente: ... ê, *sem farin...nhê!*”, e conclui: “aí as mulé batia a barriga. Eu vô dizer pro sinhô que era coisa de rir, levantava poeira”.

Nos encontros que tivemos com os sujeitos da pesquisa foi possível perceber a força da dança bate-barriga, sua energia e vitalidade, e, não obstante, a capacidade de restauração das forças dos dançantes e foliões.

É sabido que os exercícios físicos provocam mudanças em nossos corpos e podem fortalecê-los, o que atinge também o nosso psicológico, mas no caso de uma prática cultural, a exemplo da dança bate-barriga, os efeitos são muito mais profundos e amplos; desconhecidos pelas ciências exatas e sociais, que quando muito, utilizam-se de interpretações dos pesquisadores de posse de uma multiplicidade de informações, como em nosso caso, mas que ainda assim, não ousamos tentar definir ou acabar... Pois em se tratando de uma prática cultural, com propriedades epistemológicas e espirituais, como a dança bate-barriga, qualquer um que tente fazê-lo, terá que assumir o risco do desprezo ético dos estudiosos dos povos e suas manifestações culturais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com fundamento nos objetivos a que nos propusemos investigar é possível considerar que a dança bate-barriga, sua performance ritualizada, prática cultural de agradecimento e fertilidade, é, por sua natureza cultural, um ato político, por isso, ato educativo entre os dançantes, foliões e moradores em suas passagens da vida. Historicamente na comunidade do Rio do Sul a performance da dança abre-se à diferentes possibilidades de diálogos com as histórias, narrativas vivenciadas pelos antepassados.

É possível dizer que a dança é uma prática de cultura unificadora entre os moradores e está presente nos mais diferentes estágios da vida. Desde os atos de celebração da vida, até os momentos de encerramento desta, no acompanhamento, na reflexão e liturgias da morte.

Diante dos estudos realizados para a elaboração do produto final - vídeo documentário - autoriza-nos a afirmar que a dança bate-barriga e a sua performance continuam sendo um elemento cultural, na comunidade, que liga as gerações atuais às gerações passadas e ao vocabulário que traduz a ancestralidade. Portanto, é uma prática de cultura que mantém o diálogo com o universo da escravidão nas sociedades colonizadas e para além desses territórios políticos, atingindo também a ancestralidade africana, como afirma a dançante Mãe Maria: “porque é dança africana, né? Danças africanas, é raízes e nações e natureza” (SANTOS, 2017, p. 134).

Esse diálogo com os ancestrais, faz-se presente no comportamento dos dançantes, dos foliões e moradores da comunidade, suas marcas aparecem no movimento dos corpos ao realizarem as culturas, a exemplo da performance da dança em estudo, na forma de trabalhar a terra e no comportamento estético e na forma de muitos se vestirem. Trazem, por assim dizer, as experiências de vida de seus tataravós, bisavós, avós e pais, em forma de conselhos, em conjunto com as suas próprias experiências que os ajudam a criar seus filhos e netos. Lendo e relendo a vida, o mundo, estreitando os laços familiares, de amizades e comunitários para compor e construir estratégias para um, mundo novo, distante, subjetivo, porém possível no conjunto de suas utopias.

Para alguns foliões a dança bate-barriga além de ato de agradecimento a Deus e aos deuses, as bênçãos alcançadas em suas vidas, o sucesso da colheita farta, a cura de enfermidades, serve também para atrair pessoas para as suas festas, visitantes e estudantes interessados em conhecer a comunidade e suas histórias. Por isso, a dança bate-barriga na comunidade de afro-brasileiros, “(...) se estabelece à medida que as histórias locais se mantêm na direção da dinâmica cultural, atuando como vetores de significação ancestral” (SANTOS, 2017, p. 50). Desta forma, as realizações pessoais e coletivas, e, para além da bonança, se confirma também na aceitação dos seus contrários.

Essa pesquisa arrima-se nos estudos sociais com abordagem qualitativa pela natureza mesma do objeto investigado – a performance da dança bate-barriga - cujos significados são a força que norteia as metáforas e utopias de vida dos dançantes e moradores, estes mesmos significados, se observados pelos olhos da “razão pura” proporcionará uma visão insipiente, rasa, para o centro das ciências humanas e sociais dada a obediência que tais ciências têm para a episteme colonial. Por isso, a dança bate-barriga, não se constitui como uma contribuição robusta para os debates sobre as mazelas provocadas pela escravidão. Essas ciências e sua epistemologia, são o núcleo das dissidências sociais que imprimem a exclusão da população e comportamentos negros, a exemplo das políticas defendidas pelas instituições universitárias acerca das questões raciais, que de certa maneira implica na forma como a sociedade enxerga e lida com a presença negra nas relações.

O bater uma barriga na outra, performance que ocorre no interior da dança, construído ao passo em que o tambor é tocado, as toadas cantadas e os corpos se movimentam mantendo diálogo atemporal entre os ancestrais e os dançantes, ocorre num momento efêmero que não se encaixa nos moldes da percepção pragmática exigida pela racionalidade que adoece, pois para o homem racional “não há nada mais neurotizante do que o contato com o irracional” (FANON, 2008, p. 110).

A dança bate-barriga atravessou o tempo, passou pelas mudanças geográficas e sociais das comunidades de Rio do Sul, ao tempo em que costurou as experiências das gerações passadas e atuais estabelecendo o diálogo e a interação entre moradores ao longo dos mais de dois séculos de existência.

Em últimas palavras, as violências físicas e psicológicas compõem o arcabouço de sofrimentos pelos quais passaram os povos negros, assim como as lutas e resistência também tecem esse tecido social, no qual as práticas artístico-culturais – religiosidade, danças, músicas, entre outras, que os ajudaram a superar os momentos de dor e agonia. Neste sentido, a performance da dança bate-barriga, uma prática de cultura afro-brasileira da comunidade Rio do Sul, tem sido a força motriz, símbolo que permite o diálogo constante dos moradores entre as gerações, o que a identifica como elemento educativo.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção primeiros passos; 20. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Aimé Césaire; Carlos Moore (orgs.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CORREA, Juliane. **Novas tecnologias da informação e da comunicação: novas estratégias de ensino/aprendizagem**. In: COSCARELLI, Carla, Viana (Org.) *Novas Tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.43-50.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 30 ed. – São Paulo: Cortez, 1995.
- GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. SP: Centauro, 2006.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO: www.prolivro.org.br. Acessado em 29 de maio de 2019.
- KOOPMANS, Pe. José. - **Além do eucalipto: o Papel do Extremo Sul**. Salvador: BDA, 2005.
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MORAN, José Manuel. **O vídeo em sala de aula**. In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, ECADE – Editora Moderna [2]: 27-35, jan/abr. de 1995 (com bibliografia atualizada).
- SANTOS, Milton. **Ser negro no Brasil hoje**. Folha de S. Paulo - Mais - Brasil 501 d.c. - 07 de maio de 2000.

SANTOS, Valdir Nunes dos. **A DANÇA BATE-BARRIGA EM HELVÉCIA (BAHIA/BRASIL): Uma performance afrobrasileira de coesão social.** Tese (Doutorado em Belas Artes) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Lisboa – PT, 2017.

SANTOS, Valdir Nunes dos. **As manifestações culturais em Helvécia no Extremo Sul da Bahia: a dança bate-barriga como fabricante de performances afrodescendentes.** Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Teatro, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UNIRIO.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** In: O Percevejo. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT (Ano 11, n. 12), 2003.